**FACULDADE PATOS DE MINAS**

**DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**BRIGIDA SILVA PEDRA**

**MULHERES DE TODAS AS CORES E SUAS NARRATIVAS DO COTIDIANO**

**PATOS DE MINAS**

**2019**

**FACULDADE PATOS DE MINAS**

**DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**BRIGIDA SILVA PEDRA**

**MULHERES DE TODAS AS CORES E SUAS NARRATIVAS DO COTIDIANO**

Ensaio apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior

**PATOS DE MINAS**

**2019**

FACULDADE PATOS DE MINAS

DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Curso Bacharelado em Psicologia

**BRIGIDA SILVA PEDRA**

**MULHERES DE TODAS AS CORES E SUAS NARRATIVAS DO COTIDIANO**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 29 de novembro de 2019.

Orientador: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior

Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Prof. Dr. Hugo Christiano Soares Melo

Faculdade Patos de Minas

Examinadora 2: Prof. Me. Daniel Henrique de Oliveira Silva

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

**DEDICO** esse trabalho para todos acadêmicos e pesquisadores que se interessam sobre este assunto.

**AGRADECIMENTOS**

A Deus, que nos criou cuidadosamente, zelando de cada detalhe. Obrigada por ser essencial em minha vida: autor do meu futuro.

Aos meus pais, Cleide e Emerson, os quais me incentivaram a cada passo da minha vida, dando-me todo apoio que lhe era alcançado. Mãe, seu cuidado e dedicação foi que me deram esperança para seguir. Pai, sua presença significou segurança e certeza. Não estou sozinha nesta caminhada.

A meus maiores companheiros, meus filhos, Gabriel e Hugo, que me apoiaram e me ajudaram com o carinho e amor incondicional.

Aos meus irmãos, Emerson, Michelle, Pricilla e Ingreth, sou eternamente grata por tamanha confiança que tiveram em mim. Todo apoio que me deram foi indiscutivelmente aproveitado.

Ao meu esposo, Fernando, a quem me acompanha há nove anos. Nestes últimos, não foi diferente, permaneceu ao meu lado.

À minha amiga adquirida nesta caminhada, Ana Laura. Com ela, o tempo parecia ser menor!

Agradeço também aos meus queridos professores, os quais acolheram pessoas que, assim como eu, não continha espaço no mercado de trabalho; lembrarei com muito orgulho de cada um, pois são grandes espelhos pra mim.

Ao meu orientador, Professor Mestre Gilmar Antoniassi Junior, que a cada aula mostrava-me tamanha sumidade.

*Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.*

[Simone de Beauvoir](https://www.pensador.com/autor/simone_de_beauvoir/)

**MULHERES DE TODAS AS CORES E SUAS NARRATIVAS DO COTIDIANO**

**WOMEN OF ALL COLORS AND THEIR EVERYDAY NARRATIVES**

Brígida Silva Pedra[[1]](#footnote-1)

Gilmar Antoniassi Junior[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

Trata-se de um ensaio apoiado na obra de Michelle Perrot, em *Minha História das Mulheres,* tendo em vista o objetivo de refletir as narrativas do cotidiano das mulheres. A obra, considerada uma de suas mais provocantes, divide-se em cinco capítulos, os quais descrevem a história das mulheres, seu corpo, a alma feminina, as relações de trabalho das mulheres e o contexto da cidade. Este tema chama muita atenção e faz um levantamento histórico familiar que se assemelha às vivências experienciadas pela geração da pesquisadora; foi uma inspiração para iniciar esta trajetória. Outro fato importante a se considerar, aqui, é o fato de que as mulheres têm todas as suas lutas diárias como mães, donas de casa, trabalhadoras, estudantes e, mesmo com esta jornada incrível, não são tratadas como merecem: com carinho, respeito pelos companheiros, e, até mesmo, por familiares. Partindo deste contexto, então, o trabalho busca saber de perto como foi e se foi mudada a concepção sobre as mulheres, de onde veio toda desvalorização do trabalho feminino e porque ainda são julgadas quando querem ser livres para suas escolhas.

**Palavras-chave:** Mulheres. Narrativa Pessoal. Cidades.

**ABSTRACT**

It is an essay based on Michelle Perrot's work in My History of Women, with the aim of reflecting the narratives of women's daily lives. The work is divided into five chapters that describe the history of women, the body of women, the female soul, the working relationships of women, and the context of the city, being considered one of their most provocative works. This theme catches my attention, I had a greater admiration to know the family history lived by my generations, was an inspiration to start this trajectory, and the fact that women have all their daily struggles as: mothers, housewives, they work out, study, and even with this incredible journey they are not treated as they deserve, with love, respect for their mates, and even family members, so I would like to know closely how the conception of women has changed and where all devaluation of female labor has come, and because still, we are judged when we want to be free for our choices.

**Keywords:** Women. Personal Narrative. Cities

**1 INTRODUÇÃO**

A visão da mulher até os dias atuais estivera marcada por valores patriarcais, submetida a ambientes e relações que as tornam adoecidas devido seu próprio aprisionamento de sentimentos de submissão e negação, há a idealização do perfeito, advinda dos dilemas vivenciados em diversos contextos (Antoniassi Junior, Freitas, Santos, Silva, & Figueiredo, 2019).

No estudo de Escosteguy, Sifuentes, Wottrich e Silva (2013) sobre a história de mulheres heroínas de uma narrativa melodramática, as autoras mencionam que, atualmente, depara-se com histórias, pessoas de mulheres anônimas as quais estão espalhadas em distintas mídias e apresentam-se de diferentes modos, os quais as revelam socialmente seus dilemas vivenciados.

Estas mulheres vivem intensamente um cotidiano compartilhado, no qual criam redes de solidariedade em que se constata a existência de uma sociabilidade comunitária (Maia & Domingues, 2015), marcada por uma constante de relatos dramáticos e pessoais (Escosteguy, Sifuentes, Wottrich, & Silva, 2013).

As desigualdades nas condições de vida em grupos sociais ainda é uma realidade presente (Antoniassi Junior et al., 2019) nas mulheres de classes desprivilegiadas e têm, por isso, sido alvo de atenção das pessoas (Escosteguy et al., 2013). Apesar da constituição de políticas públicas e medidas punitivas mais duras para coibir a discriminação e a violência contra o as mulheres, a crueldade e desrespeito ainda são evidenciadas, mas estas mulheres fazem-se fortes e sobreviventes.

Deste modo, o presente ensaio apoiado na obra de *Michelle Perrot* em *Minha História das Mulheres*; devido ser um texto opinativo em que expõe ideias, críticas, reflexões e impressões pessoais, realizando uma apreciação sobre as narrativas das mulheres no cotidiano.

Assim, falar da mulher em uma sociedade contemporânea ainda se faz necessário pelo modo como esta mulher é percebida à luz de autoridades públicas como pessoas que intimidam os homens e, por isso, esses são violentos: recorrem à violência por sentirem-se intimidados e não aceitarem que as mulheres, em geral, são melhores que homens (Exame, 2019), confirmando, ainda, a necessidade de dar voz às mulheres para suas narrativas cotidianas em diferentes contextos.

**2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA *MINHA HISTÓRIA DAS MULHERES***

A obra *Minha História das Mulheres,* da historiadora Francesa precursora nos estudos sobre as mulheres ocidentais *Michelle Perrot*, foi traduzida para o português brasileiro por Ângela M. S. Corrêa. Tem sua edição publicada no Brasil no ano de 2007 por meio da editora Contexto. A luta no movimento feminista foi fundamental no percurso da historiadora e seu trabalho está interposto na política presente.

Perrot (2007) divide a obra em cinco capítulos, sendo o primeiro destinado a escrever sobre a história das mulheres; o segundo cita a história do corpo das mulheres; o terceiro retrata a alma feminina; o quarto capítulo trata sobre o trabalho das mulheres e o último relata as mulheres no contexto da cidade.

Carla Bassanezi Pinsky inicia a apresentação do livro como uma das obras mais provocantes e de fácil acesso de Perrot. O livro nasceu através de um programa de rádio, o qual teve uma jornada de, aproximadamente, trinta anos de análise e reflexões acadêmicas sobre as mulheres, retratando a mulher em todas as áreas sociais e sua relação com o universo masculino (Pinsky, 2007), evidenciando a mulher em diferentes contextos das cidades.

Perrot (2007) deixa claro em sua obra que esta história apenas começou, mas ainda há um grande percurso em busca dos espaços públicos e privados pela mulher. E, ao longo das narrativas, destaca a imagem da mulher ser muito desvalorizada, com supervalorização do corpo feminino, dando ênfase ao cabelo e relatando todos os tipos de violências sofridas pela mulher e suas marcas.

Logo depois, retrata a alma, relatando as crenças centrais, religiosas, a possibilidade do saber, a criação. Sobre as relações de trabalho das mulheres, vistas com pouca clareza, cita-se o protesto destas provedoras dos afazeres domésticos e as condições vividas pelas criadas e empregadas, apontando as dificuldades enfrentadas pelas operárias e suas conquistas (Pinsky, 2007).

Perrot (2007) aborda as particularidades da história feminina em relação às suas conquistas no contexto das cidades ante as lutas pelos direitos civis e a busca da não sustentação à violência. E sistematiza um percurso de comparações citadas com as mulheres da contemporaneidade, em que ainda estão muito marcadas as diferenças entre o sexo oposto, *o homem*.

Há um destaque para que a história das mulheres seja retratada em todos os contextos, para que os direitos adquiridos sejam reconhecidos (Pinsky, 2007). Nos dias atuais, ainda há presentes atos de violência contra a mulher, há, neste sentido, um grande atraso na manutenção das conquistas adquiridas por meio dos direitos já garantidos em leis, a efetividade política encontra-se, portanto, comprometida.

**3 MULHERES SUAS CORES E SEU COTIDIANO**

O primeiro capítulo da *Minha História das Mulheres* redige sobre a história das mulheres, relatando o itinerário e como se pode romper as barreiras de tanto silêncio a respeito. Perrot (2007) conta sobre sua experiência e toda a trajetória da história das mulheres, mas, em seu conjunto, relata que, a priori, gostaria de acessar o universo masculino, no qual tinha total apoio de seus pais, embora fossem feministas sem teorias. Nas universidades, os docentes eram todos homens; conquanto as mulheres estivessem crescendo dentro de sala de aula, elas não permaneciam e abandonavam os estudos.

Todavia a mulher possui os mesmos direitos que os homens, de poder sentar-se em uma mesa de bar, tomar uma cerveja sem ser julgada; ser valorizada pelo seu conhecimento sem indiferenciação só por ser mulher; andar nas ruas com o seu carro e não ser ofendida e rotulada por estar dirigindo. É estar no mundo e fazer parte dele sem diferenças de sexo, classe social ou religião.

Hoje, ver as mulheres em sala de aula é muito gratificante, configura-se como uma conquista a qual demorou a ser vivenciada, porque, além da jornada fora de sala de aula, a mulher precisa conciliar o estudo às suas outras tarefas e ter o conhecimento como um ganho o qual ninguém jamais pode tirar. Significou, então, o começo de várias conquistas. No entanto, esta conquista é como vencer uma guerra interna e diária, já que muitos não veem que as mulheres são capazes de exercer as tarefas impostas como exclusivas à mulher e ainda estudar. Precisam mostrar cada dia mais que são capazes e buscar, além dos estudos, sua independência, tanto emocional como financeira.

Por estar envolvida com o movimento de mulheres e por aquilo que elas haviam de contar em relação às suas narrativas construídas ao longo do tempo vividas, Perrot (2007) pôde apontar algumas mudanças na história da mulher, antes vista apenas em seus papeis diários do lar e da família, norteados pelo homem e pelos cuidados impostos sobre o seu corpo; depois, vista como uma mulher ativa nos diferentes contextos da cidade, deixando, assim, de serem vítimas do sexo oposto.

Este movimento revolucionário é uma guerra que ainda não está vencida por completa, porque sair da dependência do marido e correr atrás de suas próprias vontades, estar onde quiser, ser provadora de si mesma e não depender de outros para sair em busca de sua felicidade, trabalhar, buscar suas próprias conquistas, ainda é visto pelos homens como rebeldia. A mulher vem buscando esta vida ativa ao longo da existência, ainda que seja devagar, ela está se empoderando, emancipando-se e não deixando que seus direitos sejam violados, mas se fazendo cumpri-los.

Os homens sentiam-se incomodados com a presença das mulheres em órgãos públicos, pelo fato de serem vistas com muitos rótulos, dentre eles, cuidadoras de filhos e donas de casa. As mulheres são narradas nas obras escritas pelos filósofos da perspectiva de seus desejos, construídas a partir da imaginação masculina, ignorando todo pensamento e a representação sobre elas (Perrot, 2007).

Os homens ficam incomodados pelo fato de que, a partir do momento que a mulher destaca-se, ela vai adquirindo sua identidade, vai à luta pelo que quer e, muitas vezes, ganha esta luta; sua tripla jornada de trabalho é muito bem-executada, consegue trabalhar muito bem o racional com o emocional sem que seja influenciada pelo outro. Muitos homens têm a mulher como posse e gostam que essas estejam no controle deles, dependentes, tentam evitar o crescimento profissional e a confiança interna.

Embora as mulheres tenham conseguido diferentes destaques, foi no modismo do século XIX, com o crescimento das revistas femininas e os destaques nos jornais pela mulher através do corpo torneado e belo, que Perrot (2007) destaca, neste contexto, a necessidade de que esta mulher torne-se invisível no meio social para manter a ordem, pois elas são vistas como escandalosas. Reforçando o machismo e o domínio do homem sobre a mulher, porque se acha que elas têm de se manter num silêncio eterno como punição.

Hoje em dia ainda, existem muitas mulheres que estão totalmente dependentes dos maridos. Muitas por medo ou religião; são mulheres que seguem a doutrina das igrejas passadas, pensam que tem que ser submissas ao seu marido, não podendo falar sobre elas mesmas, sobre suas vontades, seguem modelos adquiridos pelas mães e avós: uma vez que o marido fala, tem que abaixar a cabeça e obedecer, para não terem discórdias com o esposo e levar o nome de escandalosa; então, calam-se e fazem contra suas vontades a vontade predominante do marido, muitas que arriscam a falar sofrem agressões físicas e emocionais.

Assim, a história das mulheres fica marcada por submissão ao homem, sozinhas e aprisionadas em uma relação pelo casamento e honra. No entanto, Perrot (2007) questiona: mas as mulheres? o que se sabe sobre elas? Estes questionamentos abrem caminho para que a mulher ganhe voz e força em relação aos seus direitos civis, políticos e de trabalho em proporções aos diretos dos homens.

Os direitos das mulheres existem, mas a política do país não faz valer, uma vez que a mulher é agredida, procura seus direitos, fazem denúncias contra seus agressores, mas não passa do papel; nada faz a justiça em favor da pessoa agredida, dizem que estão em proteção, ambos vivem livres: o agressor e o agredido, e quando menos se espera, acontecem os feminicídios. As mulheres falam de suas dores, das agressões sofridas no decorrer do convívio com os pares, mas não são ouvidas e, na maioria das vezes, são rotuladas e julgadas como “sem vergonhas”. Não é o que querem, mas se rendem por não encontrar apoio.

Ainda assim, a mulher é evidenciada pelo corpo e suas aparências nas representações e imagem. No segundo capítulo da obra Perrot (2007), há um percurso da mulher, a qual, ao longo da história, esconde o corpo e feminilidade por meio do uso véu para, depois, em meio aos anos loucos (1920-1930), romper com isso em sinal de emancipação em relação ao sexo, maternidade, expondo, então, os corpos subjugados.

O corpo, ao longo da história, é tomado de forma a demarcar-se sexualmente, uma vez que ocupa lugar de destaque dentro da relação social, considerando como a sociedade organiza e constrói as diferenças entre os sexos. Assim, Perrot (2007) expõe que a mulher vem sendo subjugada, dominada, violentada por diversas maneiras pensáveis e, por vezes, imagináveis, em que *ela* é apenas um objeto para se conquistar como objetivo final do homem, um troféu que possui um dono como forma de validade previamente definida pela sociedade machista, arcaica e opressora. Nesta perspectiva, desde o nascimento, a mulher é menos desejada em relação ao homem; os valores atribuídos aos sexos são diferentes: a sociedade valoriza o macho, homem alfa, e subjuga a fêmea, como a mulher frágil.

Hoje, muitas mulheres são assassinadas só porque resolveram se separar do marido; quando o homem percebe que a esposa não é posse dele, sente sua masculinidade falar mais alto e impõem que as mulheres permaneçam com eles, condicionando isso à possibilidade delas “não respirarem mais”. Para garantirem que o objetivo do não abandono seja alcançado, os homens amedrontam e ameaçam, fazendo com que as mulheres não saiam do seu domínio. Desta maneira, a agressão é uma das formas de mostrar que é homem.

Todavia, a aparência física e a valorização de partes específicas por parte da sociedade sofrem mudanças de acordo com a época. Perrot (2007) aponta que, por um longo período, as formas mais arredondadas e curvilíneas eram sinônimo de beleza, entretanto, no século XX, com a exposição das pernas longilíneas, há uma supervalorização da magreza; os cabelos ocupam um lugar de destaque como símbolo sexual e erótico, sendo vistos como objeto de desejo pelo homem para efetivação do domínio masculino.

Desde a primeira infância, a mulher é vigiada. Para ela, não existem ritos de passagem, o que se vê é o silêncio do pudor e a vergonha, que, para Perrot (2007), estão associados ao fato das mulheres serem consideradas impuras pelo sangue que escorre (menstruação) involuntariamente e é tido como *perda* e sinal de morte. O *sangue macho* (esperma) é dos guerreiros, pois *irriga os sulcos da terra de glória,* é o sementeiro fecundo.

As mulheres eram ensinadas por sua mãe e avós, que divulgavam a ideia de que quanto mais pura, melhor casamento teriam. Eram, portanto, criadas sobre um regime religioso no qual a mulher veio ao mundo para servir, isto é, só podem sentir algo se o marido permitir, porque prevalece a vontade dele. Neste sentido, a mulher não pode mostrar desejos sexuais e, muito menos, gozar. O papel da mulher é tão somente dar prazer ao homem e procriar; a religião ensinou que mulheres que mostram interesse pelo prazer sexual não servem para casar, já que seriam condicionadas a traírem. Os ensinamentos anteriores, que destacam a mulher como serva, fizeram com que muitas acreditassem que não poderiam se tocar ou se masturbar porque estariam cometendo um pecado contra seu corpo, e, por tal pecado, não seriam dignas do céu.

Não obstante, a mulher ainda está associada ao modelo de Maria, virgem, cuja sexualidade é supervalorizada, e, por isso, guarda-se para o homem. Neste contexto, tem-se leis lentas, absortas e obsoletas, tornando, ainda mais, as mulheres vítimas do assédio sexual, do estupro e da condenação. Daí o registro que Perrot (2007) faz ao retratar a alma das mulheres no terceiro capítulo: a alma está associada à mulher vista como herege, sem o acesso ao saber e a proibição de saber.

Ao longo dos séculos, as poderosas religiões monoteístas serviram a interesses exclusivos do gênero masculino, fazendo atribuição tanto à vontade divina quanto à dominação tida como *natural* do masculino sobre o feminino. Com as religiões servindo a interesses políticos e econômicos vigentes na época, que, por sua vez, regulam o acesso das mulheres ao saber e à instrução, em contrapartida, serviram ainda como ruptura desta regulação (Perrot, 2007).

E muito triste ver que ainda existem mulheres que acreditam que não conseguem nada sozinhas, sentem-se aprisionadas ao marido e acham tudo muito natural, ancoradas em uma submissão bíblica, na qual a mulher tem que permanecer calada. Trechos bíblicos são, comumente, usados para justificar a ideia de que a mulher deve servir ao marido e procriar. Nesta perspectiva, muitas mulheres não se previnem com contraceptivos, querem seguir o modelo das mulheres da bíblia, terem uma vida simples e humilde para herdarem o céu; acabam, então, tomando estas palavras como verdade absoluta e se aprisionando dentro de si mesmas e vivendo muitos anos sobre o domínio dos maridos, alienadas a um rótulo de boa dona de casa.

Todavia, as mudanças contemporâneas da mulher reivindicam a busca do direito à escolarização e fazem com que elas possam substituir o sentido de *alma* ligada à religiosidade pela *alma*do conhecimento científico, que visa à garantia do ingresso às universidades para romper as barreiras impostas pelo homem por meio de sua masculinidade.

Logo, a mulher empoderada pelo conhecimento, surge de maneira atemporal, evidenciando a evolução da mulher nos diferentes segmentos de trabalhos. Essa é a reflexão que Perrot (2007) faz no quarto capítulo, passando daquelas camponesas de vida cotidiana, do trabalho doméstico, das dona-de-casa dos meios operários, da burguesa, das operárias nas fabricas, das operárias da costura às novas maneiras de se exporem no trabalho como vendedoras, secretárias, enfermeiras, professoras, vendedoras, atrizes e tantas outras.

Percebe-se, neste sentido, que as mulheres têm mostrado cada dia mais seu potencial. Hoje, ainda há uma guerra dos sexos, mas, agora, porque a mulher está cada dia menos dependente do homem, está se empoderando, enfrentando barreiras antes vistas como impossíveis de serem quebradas. A mulher luta contra dogmas religiosos, contra o machismo e contra ela mesma, já que, dentro da mulher sensível e romântica, tem uma mulher guerreira, a qual não pode se deixar abater. Enfim, a luta foi ampla para que hoje, a mulher pudesse chegar até aqui, e mais: a batalha está só no começo.

Por fim, no último capítulo, Perrot (2007) dedica-se a abordar mulheres nas cidades, mulheres em movimento, migrações e viagens, no tempo, na história, discutindo as formas de ação coletiva, política e a proibição do feminismo. Partindo da antiguidade rumo aos tempos modernos, o limite do espaço social destinado às mulheres banalizou-se de forma muito restritiva. O acesso livre a espaço público trata-se de uma conquista ainda recente para mulheres, conquistas essas que se configuram como femininas e feministas, de acesso e direitos civis, sociais e políticos.

Nos dias atuais, esta mulher vê-se, novamente, inserida nas lutas pelos seus direitos, os quais, por um longo período de tempo, foram-lhes negados; tais direitos configuram-se, para Perrot (2007), como consequência dos movimentos e dos fenômenos sociais que causam um profundo e marcante impacto na sociedade.

Por sua vez, as mulheres estremeceram profundamente os sistemas de poder e a estrutura de dominação masculina arraigados há séculos pelo domínio do homem. Subjugadas aos discursos machistas arcaicos que privam as mulheres da igualdade e tendem a restringir seu espaço de atuação na sociedade por meio da tentativa de limitar, torna-se inútil, principalmente, devido ao esvaziamento do masculino em consequência da mobilização que leva as mulheres a assumirem novos papéis perante na sociedade.

Ainda diante da intensidade e constância da participação feminina no mercado de trabalho e de todas as mudanças trazidas pela modernidade, persistem os traços de segregação das mulheres a serem as únicas capazes dos afazeres domésticos e de oferecer os cuidados aos filhos, o que representa, para elas, uma sobrecarga no mundo do trabalho. A jornada diária de trabalho implica a combinação da esfera doméstica, do cuidado com a família ao domínio trabalhista fora do lar, contexto em que a mulher se evidencia em tripla jornada e desdobra-se para melhor atender a tudo.

Por fim, o feminismo contemporâneo é marcado pela reivindicação de conquista dos direitos sobre seu próprio corpo, em especial, o direito à interrupção voluntária da gravidez. O feminismo não pode ser tratado como um movimento único, mas sim plural e até divergente. Por apresentar caráter intermitente, varia em estilo, envolvimento e opinião, conforme a época, classe social, país de origem e, até mesmo, a religião dos envolvidos.

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trata-se de uma obra abrangente, vibrante, envolvente, informativa e rica em detalhes. Possui assuntos atuais com relação a gênero e história cronológica das mulheres ao longo de décadas, mostrando-se, assim, importante e indispensável para melhor compreender a importância de tal conquista no atual cenário feminino em nível mundial, além, é claro, de demonstrar, através de fatos e discussões, o lugar de onde as mulheres vieram, o caminho árduo que percorreram e o futuro provável que as aguarda.

Este livro permite a compreensão do porquê a história fica postergada às sombras por tanto tempo, tornando, então, sua leitura capaz de provocar reflexões nos modos pensar e agir.

As mudanças, no decorrer da leitura, foram mudanças intrapessoais, no sentido de se perceber a possibilidade das mulheres poderem conquistar suas funções de autoridades e reconstruir suas identidades, muitas vezes, perdidas ao longo das lutas. Além disso, a reflexão acerca da obra permite o conhecimento sobre os direitos das mulheres, como, por exemplo, serem donas de seus próprios desejos e livres para suas escolhas. Enfim, o livro rasga o véu da ignorância.

**REFERÊNCIAS**

Antoniassi, G., Freitas, E. R. L., Santos, P. H. S., Silva, L. A. M., & Figueiredo, G. L. A. (2019). Mulheres donas de casa atendidas no ambulatório de saúde mental: uma questão de saúde e bem-estar ante o sofrimento da adicção e o ambiente familiar. In. Pereira, E. R. Org. (2019). Saúde mental: *um campo em construção*, pp.167-181. Ponta Grossa, PR: Atena.

Exame. (2019). *Homem recorre à violência porque se sente intimidado por mulher, diz Moro,* Retirado em 08 de outubro de 2019 de <https://exame.abril.com.br/brasil/homem-recorre-a-violencia-porque-se-sente-intimidado-por-mulher-diz-moro/>.

Escosteguy, A. C., Sifuentes, L., Wottrich, L. H., & Silva, R. C. (2013). História de mulheres: heroínas de uma narrativa melodramática, *Intexto*, 28, 100-117.

Maia, J. & Domingues, C. (2015). *Narrativas do cotidiano: As mulheres constroem Histórias*, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ.

Perrot, M. (2007). *Minha História das Mulheres*. Tradução de Ângela M. S. Côrrea, São Paulo: Contexto.

Pinaky, C. B. (2007). *Apresentação*. In. Perrot, M. Minha História das Mulheres. Tradução de Ângela M. S. Côrrea, São Paulo: Contexto.

**ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**

**Autor Orientando:**

Brígida Silva Pedra

Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220, Cidade Nova

Telefone: (34) 3818-2300

Email: brigidapedra@outlook.com

**Autor Orientador:**

Gilmar Antoniassi Júnior

Av. Juscelino Kubitschek, n°1220, Cidade Nova.

(34) 3818-2327

gilmar.junior@faculdadepatosdeminas

**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 29 de novembro de 2019

.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Brígida Silva Pedra

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Gilmar Antoniassi Junior

****

**FACULDADE PATOS DE MINAS**

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

**Departamento de Graduação em Psicologia**

**Curso de Bacharelado em Psicologia**

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC Nº. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME Nº. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, nº. 65, sessão 1, pág. 70-81

*“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”*

*(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)*

1. Graduanda em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). brigidapedra@outlook.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutorado e Mestre em Promoção da Saúde pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Coordenador e Professor Titular do Departamento de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas (DPGPSI-FPM) e Pesquisador Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Subjetividade e Promoção Psicossocial. gilmar.junior@faculdadepatosdeminas.edu.br [↑](#footnote-ref-2)